

## **Por que construir um Ashram em Badrinath?**

Por Durga Ahlund

Diz o anúncio publicitário: “Se o céu existe, está em Uttarakhand”. Uma galáxia de montanhas majestosas e glaciares, lagos congelados e cachoeiras altíssimas, rios sinuosos e florestas verdejantes, rica em flora e fauna, vastos prados coloridos e vales faz do distrito himalaico um destino para o aventureiro, o fotógrafo e o buscador espiritual. É o lugar onde o Mahabharata foi escrito e os Shashtras, compostos. Uttarkhand é um dos estados mais novos da Índia, engastado naquele que é o segundo maior: Uttar Pradesh. Uttarkhand inclui oito distritos montanhosos, que se estendem desde a capital, Dehradun, no sudoeste, às cabeceiras dos rios Yamuna, Ganges, Yamunotri e Gangotri, no noroeste, à fronteira do Nepal, no nordeste, e a Nainital, no sudeste. Todos esses lugares são maravilhosos locais de peregrinação, conhecidos desde os tempos antigos por aqueles que buscam a divindade, a austeridade, a meditação, a penitência e a realização. Uttarkhand é, realmente, a terra dos deuses, uma região de incrível beleza e simplicidade, onde apenas a “entrega total” é necessária para se alcançar os mais elevados estados de êxtase espiritual.

Os templos e cidades de Kedarnath, Gangotri, Yamunotri e Badrinath constituem o “Chota Chaar Dhaam” (Pequeno Circuito das Quatro Moradas), os quatro importantes locais de peregrinação de Uttarakhand que todo hinduísta devoto deve visitar ao menos uma vez na vida. Porém, para esta autobuscadora não hindu, não existe senão uma gloriosa e sagrada localidade para se ter em mente e guardar no coração: a pequena cidade que se estende ao redor do templo de Badrinath.

Badrinath está situada ao longo do Rio Alaknanda, cuja fonte é o lago glacial de Santopanth Tal. Duas montanhas altaneiras, Nar e Narayan Parvats, erguem-se como guardiãs da cidade. E o Monte Nilakantan eleva-se rumo às estrelas explicitando sua majestade e santidade. Como se fosse uma brilhante pirâmide de cristal, o Nilakantan exhibe diferentes matizes com a ascensão do sol ou da lua. O terreno que compramos para abrigar o Ashram da Kriya Yoga de Bábaji estende-se abaixo do sopé do Monte Nilakantan.

A origem do fortemente colorido e comovente santuário e templo de Badrinath não é clara. Ele pode não ter sido apenas um santuário hindu, mas também budista e, até mesmo, jainista. Embora referências ao santuário e ao templo constem dos *Vedas*, os registros históricos não estão disponíveis e ninguém sabe, com certeza, quão antigos os santuário e o templo são. O *Skanda Purana* os atribui a Adi Shankaracharya, que teria reestabelecido o templo como hinduísta no século 9 d.C. Afirma a lenda que, certo dia, Adi Shankara estava subindo o Himalaia rumo a um lugar de meditação perto da aldeia de Badrinath quando ouviu uma voz celestial que o instruiu sobre onde poderia encontrar o ídolo do templo. Foi-lhe dito que fosse até Narad Kund, logo abaixo do templo de Badrinath, para encontrar e recuperar o ídolo e reentronizá-lo no templo. Precisamente no local que a voz havia mencionado, Adi Shankara encontrou a *murti*. Trata-se da estátua de um iogue sentado em meditação, esculpida em pedra negra.

O complexo do templo é encantador. Um sorriso brota nos lábios quando subimos o lance de escadas que leva à porta intensamente colorida da entrada e ingressamos no *garbhgriha*, onde a Deidade se encontra entronizada. A *murti* do Senhor Badri é simples e inspiradora, uma estátua de um metro de altura esculpida na pedra negra *shaligram*. A peça é considerada por muitos hinduístas como uma das oito estátuas automanifestadas de Vishnu. Ela mostra o Deus em postura meditativa, ao invés da habitual pose reclinada. Suas características são indistintas, porém lembram a forma do Bodhisatva, ou, para alguns de nós, de Bábaji.

Há várias lendas acerca da origem da *murti* e do motivo pelo qual ela foi lançada ao Narad Kund. Talvez ela tenha sido entronizada por budistas quando assumiram o controle do templo durante o reinado do imperador Ashoka. Mais tarde, ao retomarem o templo, os hindus podem tê-la lançado ao Kund, até que Adi Shankara a recuperou e recolocou no devido lugar. De acordo com a crença hinduísta, Buddha é considerado, afinal, como a nona encarnação de Vishnu. Hoje, devotos de todas as crenças e escolas de pensamento do hinduísmo visitam o templo. E rezam ao Senhor Badri Nath como Brama, Hanuman, Kali ou o Guru. O Senhor Badrinath é aceito como forma do onipotente e onipresente Todo em Um. Em suas preces os devotos cantam “Jai Badri Vishal Ki”, com a palavra *vishal* significando “imenso” em hindi, o que dá uma ideia do grande significado atribuído a esse santuário. Muitos *maths*, ou monastérios, mantêm casas de hóspedes em Badrinath.

Embora Badrinath esteja profundamente encrustada nos Himalaias norte-indianos, o sumo sacerdote, ou *rawal*, é tradicionalmente um *brahmin* do estado sulista de Kerala, como o requer uma tradição iniciada por Adi Shankara, originário do Sul da Índia. Badrinath é um dos poucos templos do Norte que segue o antigo Tantra Vidhi da tradição Shrauta, mais comum no Sul.

Os devotos que acorrem ao Templo de Badrinath recebem o *darshan* da sagrada *Akhand Jyoti* (Eterna Chama). Essa chama permanece acesa ao longo do ano todo, mesmo quando o templo fica fechado, durante os meses de inverno. Há cerca de 1.200 anos, quando Adi Shankaracharya reestabeleceu o templo, ele concebeu uma mistura de ervas com *ghee* (manteiga clarificada) que continua a ser estritamente produzida pelos habitantes de Mana, um vilarejo próximo a Badrinath. Esse combustível, que queima muito lentamente, é o que mantém a lâmpada acesa durante os seis longos meses de inverno, quando o templo se encontra fechado. Devido às extremas condições climáticas, o tempo fica aberto apenas seis meses por ano, entre o final de abril e o início de novembro.

O frio permanente da cidade torna-se mais agradável graças a uma fonte natural de água quente, o Tapt Kund, situada logo abaixo do Templo e acima do Rio Alaknanda. Nele, os devotos tomam um banho sagrado para se purificarem antes de entrar no Templo e prestar suas homenagens ao Senhor Badrinarayan. As águas do Tapt Kund são extraordinariamente quentes, mas suas propriedades medicinais fazem com que os devotos se atrevam a enfrentar a fonte fumegante.

O população de Badrinath é descendente dos *rishis*. Esse povo forte é formado principalmente por pequenos sitiantes, que se dedicam à agricultura e à pecuária. O vilarejo de Mana é outro lugar maravilhoso para visitar e sentar em meditação, usufruindo de uma atmosfera tão pacífica que parece de outro mundo. Dista cerca de quatro quilômetros de Badrinath e pode ser alcançada com uma caminhada confortável. Mana é a última aldeia indiana antes da fronteira com o Tibete.

As Sagradas Escrituras hinduístas referem-se a Mana como Manibhadrashram. Lá se localiza a caverna chamada Vyasa Gufa, onde, segundo a tradição, Veda Vyasa ditou o épico Mahabharata a Ganesha. A caverna fica escondida debaixo de uma enorme laje de pedra. E, em seu interior,

está entronizada uma estátua de mármore de Vyasa, escrevendo com uma caneta de mármore em um livro de mármore. Há muitas cavernas na área, utilizadas ao longo de séculos por iogues e sábios.

O Rio Saraswati irrompe ao lado, proveniente de um glaciário situado cerca de três quilômetros ao norte de Mana, perto da fronteira tibetana. Os *Puranas* descrevem como o Saraswati flui em direção a Mana, bordejando a Vyasa Gufa e então se perde no Alaknanda. Uma extraordinária ponte natural, formada por enorme laje de pedra, possibilita ao visitante chegar bem perto do local de onde o Saraswati emerge de uma fenda no desfiladeiro.

Outra ocorrência natural digna de ver é a Cachoeira de Vasudhara, que dista cerca de cinco quilômetros de Mana. A caminhada é íngreme e difícil depois dos primeiros dois ou três quilômetros. A cachoeira tem cerca de 120 metros de altura e o cenário ao longo do caminho é espetacular. São inspiradoras as vistas do Nilakantan, do Chaukambha e do Santopanth.

Os aldeões de Mana são importantes para as atividades do Templo de Sri Badrinath e a adoração anual da *Mata Murti*. No dia do fechamento do Templo, no início de novembro, o povo de Mana oferece um *choli*, um suéter curto, ao Deus, para mantê-lo aquecido durante os meses de inverno. O *choli* é tecido pelas moças solteiras da aldeia. Mana é conhecida por seu belo artesanato de lã.

O povo de Mana vive uma vida simples, como a dos tempos antigos. São pessoas encantadoras com feições mais próximas do tipo tibetano do que indiano. Podem ser de origem Rajput, mas são chamados de Bhotias. Em outras partes da Índia, muitos Bhotias são budistas, mas estes aldeões professam a fé hinduísta e organizam-se em um sistema de castas bastante rígido. As novas gerações, agora escolarizadas, frequentemente deixam seus lares ancestrais, na aldeia, para ocupar postos de trabalho principalmente nos serviços governamentais.

Durante os meses de inverno, os aldeões de Badrinath e Mana, levando consigo uma *murti* do Senhor Badrinath, deslocam-se para Josimath, onde Adi Shankara realizou *tapasya* e estabeleceu seu primeiro monastério.

Deve-se compreender que a visita ao Vale de Badrinath é uma experiência etérea. Situado a mais de 3 mil metros de altitude, a visão que transmite é impressionante por sua beleza e grandiosidade, tal a vastidão das montanhas e do céu e o distante isolamento desse lugar no topo do mundo. São tão poucas as formas-pensamento que basta sentar imóvel por alguns minutos para aquietar a mente e entrar em profunda meditação. O som e a vibração de Aum parecem zumbir através do ar, do vento e da própria respiração. Os canais sutis são limpos da negatividade e entram em ressonância com Aum. É fácil aclimatar-se com a atmosfera rarefeita, mesmo quando se caminha por trilhas montanhosas. E, quando se pratica yoga, é possível experimentá-la de um jeito que raramente será percebido em outro lugar.

A viagem a Badrinath nunca é fácil, e sempre intensa, pois a estrada serpenteia precariamente entre os barrancos das montanhas e o precipício rochoso. É uma estrada perigosa, principalmente em tempo chuvoso, com deslizamentos que ocorrem sem aviso. Mas a viagem para alcançar esse lugar faz parte da experiência de Badrinath. A subida nos prepara para o sagrado e o profundo. É uma forma de entrega, um modo de aceitar uma nova vida. Badrinath existe como se fosse para espiritualizar nossas vidas. Quanto mais tempo permanecemos em sua atmosfera, mais profunda a nossa transformação e mais duradoura a sua permanência depois da partida.

Não é necessário ser hinduísta para fazer esta viagem. Badrinath permite a máxima liberdade e flexibilidade em matéria do sagrado e do profundo. Ela simplesmente é sagrada e profunda. Não há dogmas rígidos aos quais aderir, nem sequer é necessário entrar no Templo, bastar estar disponível para abrir mão de qualquer ceticismo e rigidez do ego e permitir que a alma dê um passo à frente rumo a Presença, que é Badrinath, e deixe a transformação começar.

Em 17 de junho de 2013, as chuvas de monção, quatro vezes e meia mais intensas do que em qualquer outra ocasião conhecida, provocaram inundações devastadoras nas localidades altas de Uttarkhand, especialmente em Kedarnath, Uttarkashi, Pithogarth e Chamoli. Isso provocou a morte de mais de 10 mil pessoas e deixou dezenas de milhares de residentes isolados nas terras altas, sem casas, terras para cultivo e meios de subsistência. Mais de 60 mil visitantes tiveram

que ser resgatados pelas forças armadas. Parecia que a Mãe Natureza queria remover muitas das instalações turísticas que haviam sido construídas nesses lugares sagrados nos tempos recentes.

Mas o Vale de Badrinath permaneceu intocado e não houve qualquer dano ao nosso *ashram*. Apenas a via de acesso, a partir de Josimath, foi severamente danificada. Alguém pode duvidar da sabedoria de nossos esforços em, desde 2008, construir um *ashram* da Kriya Yoga de Bábaji em Badrinath. Mas a decisão de comprar terra e edificar o *ashram* não parece ter vindo por acaso. Ela configurou-se quase espontaneamente a partir da coincidência e da oportunidade, que raramente ocorre em Badrinath. E assim continuaremos a construir para que os *kriyabans* tenham a oportunidade de praticar Kriya em Badrinath e experimentar a transformação que Bábaji e o Senhor Badri Nath proporcionam para todos e cada um.

*Jai Badri Vishal Ki*  
*Om Kriya Babaji Nama Aum*